

SIMPÓSIO AT061

CONCEIÇÃO EVARISTO, A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA DESTERRITORIALIZADA DO MEIO URBANO E AS VOZES LITERÁRIAS QUE ECOAM EM “PONCIÁ VICÊNCIO”

Nascimento ALVES, Ana Luiza (autora)
Universidade Paulista – UNIP – DF
analvesletras@gmail.com

Alves NETO, Naimi (coautora)
Universidade Paulista – UNIP- DF
naimialves.ng@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como ponto central o interesse pelas questões de representatividade e visibilidade de escritoras contemporâneas que, durante um longo período, não foram reconhecidas da forma que mereciam, justamente por questões ligadas às condições sociais, étnicas e de gênero. A importância histórica, social e cultural da ascensão dessas vozes literárias é inegável como ponto de partida para o encorajamento e a abertura de espaços e possibilidades às novas gerações literárias. O foco de nossas investigações centrar-se-á em Conceição Evaristo, uma das principais vozes da literatura afro-brasileira, mestre em literatura pela PUC – Rio doutora em literatura comparada pela UFF e autora de diversas obras que possuem como enfoque a condição da mulher negra. Iniciou sua vida autoral em fins da década de 90 e permanece produzindo ainda hoje. Para tanto, a proposta é fazer uma análise literária de uma das obras mais consagradas da autora “Ponciá Vicêncio”, e a partir da análise, traçar a reconstrução da identidade da mulher negra, que em busca de novas e melhores perspectivas de vida é marginalizada e deslocada. Para a realização da análise utilizaremos como referências teóricas Judith Butler, Djamila Ribeiro e Regina Dalcastagnè.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Mulher negra na literatura; Identidade da mulher negra; Minorias. Vozes em ascensão.

Abstract: The present research has as center point the interest for the questions of representativeness and visibility of contemporary women writers who, for a long period, has no recognition in the form that they deserved, due to questions related to the social, ethnic and gender conditions. The historical, social and cultural importance of the rise of these literary voices is undeniable as a starting point for the encouragement and the opening of spaces and possibilities to the new literary generations. The focus of our investigations will focus on Conceição Evaristo, one of the main voices of Afro-Brazilian Literature, Master of Literature by PUC - Rio Ph.D. in the literature compared by UFF and author of several works that focus on the condition of the black woman. She began her authorial life in the late 1990s and is still producing today. For that, the proposal is to make a literary analysis of one of the most consecrated works of the author "Ponciá Vicêncio", and from the analysis, trace the reconstruction of the identity of the black woman, who are in search of new and better perspectives of life is displaced and in marginalization. To carry out the analysis we will use as theoretical references Judith Butler, Djamila Ribeiro, and Regina Dalcastagnè.

Keywords: Conceição Evaristo; Black woman in literature; Identity of the black woman; Minorities; Voices on the rise.

Introdução

Conceição Evaristo, em sua obra *Ponciá Vicêncio*, busca descrever a trajetória da protagonista, que é descrita pelo narrador como uma mulher negra, que está em busca de sua identidade, e tenta sempre resgatar a sua essência através de suas memórias. A memória é um recurso que a autora

utiliza como parte do processo de auto conhecimento e construção identitária da protagonista. Ponciá é descrita desde sua infância até a sua vida adulta, através de suas andanças, deslocamentos e precariedade a qual vivia. Conceição Evaristo descreve muito bem a maneira como as comunidades minoritárias são rejeitadas e literalmente lançadas à margem da sociedade, e como, sem o mínimo de dignidade, são retiradas do meio urbano e realocadas em guetos, favelas, espaços em que a precariedade da vida humana é evidente. A maneira como a autora coloca o discurso da personagem principal com as marcas de ser um sujeito excluído, inscrito em uma sociedade extremamente preconceituosa, com a condição de mulher e negra, em um país que a coloca em um lugar onde olhares preconceituosos a sufocam é impressionante, visto que, esta mulher, constituída pela sua condição de gênero e raça, transcende as limitações que a rodeiam e vai em busca de melhores condições de vida no meio urbano, onde é desterritorializada para uma favela.

1. A precariedade e a busca pela reconstrução da identidade

“Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como se dera. Sabia, apenas, que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si próprio, formando uma grande fenda, dentro e fora dela. Um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu”. (Evaristo, 2018, pág. 38).

Judith Butler, em seu livro *corpos em aliança e a política das ruas* retrata muito bem a maneira como a precariedade dessas vidas minoritárias, como a de Ponciá, é real e presente em nossa sociedade, e como esses corpos tem a possibilidade de se mover e fazerem-se aparecer, como uma

maneira de dizer que essas vidas importam, e como uma forma de resistência às privações as quais esses corpos estão expostos. Para tanto, nos faz refletir um pouco sobre o conceito de democracia e de povo, como explicita nesta passagem:

O povo” não é uma população definida, é constituído pelas linhas de demarcação que estabelecemos implícita ou explicitamente. Como resultado, assim como precisamos testar se qualquer modo determinado de apresentar o povo é inclusivo, só podemos indicar populações excluídas por meio de uma demarcação ulterior. A autoconstituição se torna especialmente problemática sob essas condições. Nem todo esforço discursivo para estabelecer quem é “o povo” funciona. A afirmação muitas vezes é uma aposta, uma tentativa de hegemonia. (BUTLER, 2018, P. 09)

A autora, claramente, demonstra como as articulações discursivas demonstram, cada vez mais, o interesse de vozes hegemônicas que possuem um espaço social de se auto-afirmarem, Como citou a autora Conceição Evaristo em uma entrevista dada para o Itaú cultural: “Há uma voz hegemônica que quer ser paradigma de tudo”. Portanto, quando determinado grupo se reuni para discutir e lutar por questões que na teoria são relevantes para todos, muitas vezes esses grupos não fazem nada mais do que continuar se inscrevendo como vozes hegemônicas que na verdade não se preocupam tanto assim com as vozes excluídas. Para a autora, uma das formas mais eficazes das vozes excluídas ocuparem o seu espaço é por meio da ocupação das “esferas públicas”, lugar que é, atualmente, reservado a uma minoria.

A autora deixa claro que é por meio de representações corpóreas que esses corpos conseguirão se inscrever como corpos políticos. Na obra Ponciá Vicêncio, é evidente que há um esforço pessoal da personagem principal em tentar rebuscar o seu passado e de se inscrever como um ser independente e político, por meio da tentativa de viver no meio urbano. Entretanto, ao longo da narrativa, percebemos que esse esforço pessoal não é o bastante para que a personagem tenha uma mobilidade em seu status social, visto que a mesma percebe que este espaço não pertence a todos, e que é restrito a uma parcela

privilegiada da sociedade. Por isso o conceito que Butler nos apresenta, de povo e democracia é bastante relevante para pensarmos na questão de quais corpos realmente importam e quais são descartados. A escrita de Evaristo nos leva a refletir como essa representatividade através de sua escrita, é bastante importante do ponto de vista do aparecimento e surgimento de identidades minoritárias que muitos vezes não possuem um suporte social, simplesmente por serem quem são.

Judith Butler nos mostra como as formas de representação dos grupos “ilegíveis” pela sociedade é importante, não só do ponto de vista discursivo, mas também do ponto de vista de aparecimento performativo e corpóreo, e demonstra como esta exposição pode se tornar a base para a resistência, desenvolvendo assim, formas de como os “ilegíveis”, como a autora chama os que não possuem reconhecimento social, podem se tornar legíveis uns para os outros. É desta maneira que Conceição Evaristo se torna uma grande escritora, intelectual e voz representativa para as minorias sociais, escrevendo, a partir de sua condição de mulher e negra e tornando a realidade dos ilegíveis legível, mesmo que a maioria destes não tenham a oportunidade de ter contato com a sua literatura.

1.2. O trapo no mundo: A desterritorialização e a possibilidade de ascensão.

Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo demonstra, as diversas maneiras de como a voz da personagem principal é constantemente silenciada pela sociedade preconceituosa que a cerca, deixando claro como o processo de mobilidade do meio rural para o meio urbano é uma realidade dolorosa para aqueles que são marginalizados pela sociedade, pois a possibilidade de vida é cruelmente desconstruída pelo meio, e embora a personagem imagine que terá uma vida melhor, com mais oportunidades, buscando assim a fuga da precariedade a qual vive, a mesma cai como em uma espécie de ciclo, pois ao chegar no meio urbano e perceber que não há, ali, uma maneira de se inserir, é

automaticamente desterritorializada pela evidente impossibilidade de inserção, desse ser ilegível para a sociedade, no meio urbano.

Em *Para não ser trapa no mundo*, de Regina Dalcastagnè, a pesquisadora coloca um exemplo real de como essa ilegibilidade dos marginalizados pode ser decodificada através da representatividade dos mesmos, para tanto, nos coloca a maneira como a mãe de Conceição Evaristo teve contato com a literatura de Carolina de Jesus e de que maneira a voz política de Carolina a influenciou à escrita, que também é uma forma de resistência para as minorias, visto que até o direito à educação é retirado dessas vozes minoritárias. Regina Dalcastagnè coloca como o espaço urbano é utilizado por Carolina de Jesus, como um espaço de empoderamento, o qual ela se torna escritora, como explicita no seguinte trecho:

“A cidade não aparece como um pano de fundo amorfo nas obras de Carolina Maria de Jesus, não é apenas paisagem ou retrato, mas elemento de subjetivação e espaço de empoderamento. Afinal, é ali, transitando de um lado para outro, saindo às ruas para catar suas histórias – seja dentro da favela, seja nas suas cercanias, ou mesmo no centro de São Paulo – que ela se faz escritora. É ali que ela registra, por escrito e com grande alcance, uma profunda reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos no Brasil. E, assim, sua escrita se transforma, ela também, em lugar onde experiências se encontram e, de algum modo, se validam. Nesse sentido, é importante sublinhar o impacto da leitura de Quarto de despejo em outras mulheres, negras e pobres como a autora. Conceição Evaristo conta do desejo de escrita que surge em sua mãe, também empregada doméstica, a partir do contato com o texto de Carolina Maria de Jesus: Nas páginas da outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela era também a Outra... São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 295).”

Evaristo, em sua fala, deixa claro como o aparecimento intelectual de mulheres negras e a intelectualização das minorias é uma forma de aparecimento público, de resistência ao sistema que insiste em calar e

descartar os corpos das minorias sociais. Judith Butler nos fala um pouco sobre como os corpos e assembléias, corpos que se unem física e discursivamente para reivindicar os seus direitos, emitem a sua mensagem, mesmo quando não estão falando ou quando não apresentam um conjunto de reivindicações negociáveis, no trecho:

“Os corpos em assembléia “dizem”: “nós não somos descartáveis”, não importando que estejam ou não usando palavras no momento; o que eles dizem, por assim dizer, é “ainda estamos aqui, persistindo, reivindicando mais justiça, uma libertação da precariedade, a possibilidade de uma vida que possa ser vivida”. (BUTLER, 2018, P. 28).

A construção identitária dos indivíduos expostos à precariedade é muito importante, visto que quando esses corpos, se unem, mesmo por só terem em comum as péssimas condições de vida oferecidas pelo estado e a marginalização, eles constroem um discurso, mesmo que não vozeado, que nos diz muito sobre a liberdade de transitoriedade que os mesmos querem alcançar, para se tornarem seres passíveis de luto, como Butler bem cita. Por este motivo, trabalho de escritoras como Conceição Evaristo é muito importante para entendermos o poder que a linguagem exerce sobre o “eu” e sobre o “outro”, pois como cita Regina Dalcastagnè em *Para não ser um trapo no mundo*:

“Escrever, especialmente para aqueles que recém-adquiriram essa capacidade, também pode ser uma maneira de reafirmar sua presença no mundo. Colocar-se em palavras seria, nesse caso, uma forma de ser alguém, de participar de uma coletividade marcada pela escrita e, ao mesmo tempo, ser reconhecido como indivíduo, portanto, único.” (DALCASTAGNÈ, 2014, P. 295).

Considerações finais

Ponciá Vicêncio, ainda que em meio a muitas dificuldades, e mesmo desejando encontrar esperança de uma vida melhor na cidade, tenta tornar-se visível através de sua busca de identidade, que é feita, por uma aliança

diferente, que era feita por meio das lembranças de seus antepassados, lembranças essas que fazem uma ponte entre o seu passado e o seu futuro e se torna um fator determinante para o surgimento de sua identidade, ou seja, a união, a aliança que Conceição Evaristo cria, é equivalente a aliança descrita por Butler, pois não há como se tornar um corpo em aliança sem que este corpo reconheça e saiba de sua identidade pessoal.

Esse reconhecimento de como indivíduos únicos que juntos possuem um força enorme de representatividade é essencial para o início das lutas por direitos e visibilidade, visto que faz-se necessário que esses indivíduos passem a ter acesso aos espaços públicos que ainda são restritos a uma minoria. E fazer isto através da linguagem, como Conceição faz, com a sua escrevivência, é uma forma de performatividade que da poder ao uso da linguagem como forma de resistência e permanência. Portanto, em Ponciá Vicêncio podemos perceber uma narrativa com um discurso eticamente forte, de uma mulher em sua condição de gênero e raça é busca fazer uma libertação da vida precária e se auto conhecer, proposta da autora para narrar em que medida as mulheres negras, em uma proporção muito maior, são lançadas às margens, sem nenhum tipo de segurança de serem quem são nos entre lugares aos quais vivem.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2018.

DALCASTAGNE, Regina. **Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea**. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* [online]. 2014. P.1-14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a14n44.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.